



Quatro poemas judaicos

Ester Klevanskis Candido*

Vitória, Brasil

literatices@yahoo.com.br

I

Retrato de família

Onde estão os meus parentes?
Nos girassóis da Rússia,
nos campos gelados da Sibéria
ou nos laranjais floridos dos kibutzim de Israel?

Onde estão os meus parentes?
No corre-corre da América capitalista
ou nos safaris da África?
Onde estão?

Vejo algumas fotos aqui e acolá,
com endereços desconhecidos,
perdidos no tempo e no espaço.
Vejo pessoas com meus traços,
figurativos de mesma carne
e mesmo sentimento.

O que fazem e o que pensam?
Sentem, como eu, vontade férrea
de unir o que resta do passado
que o vento da guerra separou?
Sentem, como eu, vontade férrea
de não ser errante e de loucamente conhecer o mundo?
Ou de pisar onde os meus ancestrais pisaram,
em um passo mudo, como se apenas a atmosfera
os fizessem presente novamente?

* Professora de ídiche e poeta.



II

A minha origem¹

Eu sei a minha origem,
Trago-a marcada pelo destino.
Eu conheço minha árvore genealógica
e feitos de meus ancestrais.
Sei também que, apesar
de já terem passado,
esperam de mim o mesmo comportamento,
condizente
com a minha origem,
que é olhada com simpatia
e orgulho por alguns,
menosprezada por outros.
Sei que tenho um compromisso milenar,
tão milenar quanto a Bíblia.
Esperam de mim, os de agora,
que eu continue a tradição.
Espero não os decepcionar.
Quem sou para ir contra
uma tradição de milhares de anos,
que suportou tudo e todos,
que sobrepujou romanos,
babilônios, assírios
e outros!
Mesmo os nazistas,
matando seis milhões,
não conseguiram
exterminar em meu povo
o amor a esse único
“D’us”,
Elo da nossa aliança.

¹ Uma versão deste poema foi publicada na *Revista de Estudos Judaicos*, ano 1, n. 1. Belo Horizonte: Instituto Histórico Israelita Mineiro, 1998.



III

Quatrocentos anos de escravidão

Meus cromossomos
Ainda não se refizeram.
Ainda sinto o açoite e as correntes do cativo,
os quarenta anos perdidos na peregrinação do deserto,
à espera da Terra Prometida e sofrida,
as lutas e as guerras,
os períodos de paz e reinados promissores,
os tempos de bênçãos, templos e colheitas.
Tudo é tão efêmero...
Expulsos e derrotados por conquistadores,
escravizados novamente,
tal qual um eterno movimento de rotação terrestre,
de caminhos longos, perdidos e errantes.
Passando por terras estranhas,
por neves, geladeiras e trópicos,
de reis, rainhas e czares,
tolerantes uns, intolerantes outros,
numa caminhada de 5760 anos,
tentamos sobreviver aos outros.
Tentamos sobreviver aos outros,
a imposições, inquisições e injustiças,
a perseguições nazistas, a muito sofrimento
passado de geração a geração,
Tentamos apenas viver em nossa crença
nos quatrocentos anos de escravidão.

IV

Guerra do Yom Kippur

No árido deserto,
por entre brutas rochas,
nos filamentos dos grãos de areia,
surgiu uma nação.
A luta intermitente por entre séculos
recobrou seus sentidos.
E com o sangue
daqueles que tombaram,



surgiu uma nova esperança.
De leste a oeste.
No imenso deserto
todos partiam para o sul.
As vozes que surgiam
pediam: vai e caminha;
caminha para o sul;
conquista o que te pertenceu;
os teus ancestrais te abençoarão.

Da rocha surgiu água.
Da areia surgiu petróleo.
Da árida região
cresceram bosques,
nasceram cidades.

A raça está unida
por corações, sonhos e almas,
e lutará impávida
naquilo que acredita.

Pela frente surgirá
uma cortina de fogo.
Em seu redor, os inimigos
tomarão incólumes.

E dentro de Israel
o pó se tornará ouro,
a cidade se cobrirá
com um manto de eterna esperança.

Tudo se construirá
e novamente ouviremos
a voz dos que tombaram.
Para o sul... Para o sul...
De Dan a Eilath.



Como crianças, em coro,
nossas vozes, unidas,
vozes nossas, não se acovardarão.
E a cada ruído de armamento
os inimigos tombarão, incólumes.

Recebido em: 10/07/2020.

Aprovado em: 17/07/2020.